

Inflação ao consumidor encerra 2024 em 4,8%

- Ambas métricas de inflação – IPCA e INPC – encerram 2024 em 4,8%.
- Dentre os componentes da inflação definidos pelo Banco Central, a alimentação no domicílio foi o principal responsável por elevar o índice cheio (+8,2%).
- A segunda e terceira categoria com maior impacto na inflação foram os serviços e administrados, que acumularam alta de 4,7% em 2024.

PIB gaúcho cresce no 3º trimestre de 2024, mas resultado da Indústria segue negativo

- O Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul apresentou uma queda de 0,3% no 3º tri./2024 em comparação com o trimestre anterior, na série com ajuste sazonal.
- Destaques por setores, ante o mesmo período do ano anterior: Agropecuária (+7,9%), Indústria (-1,3%) e Serviços (+4,3).
- O PIB do Rio Grande do Sul cresceu no terceiro trimestre de 2024, impulsionado pela recuperação agrícola e pelo bom desempenho do comércio. No entanto, a queda na Indústria de Transformação, puxada por Máquinas e Equipamentos, limitou o desempenho geral da Indústria.

Cenário econômico deteriora e indústria perde a confiança no fim de 2024

- O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) voltou a cair com força no último mês do ano: -3,7 pontos em relação a novembro, para 49,7.
- O Índice de Condições Atuais caiu de 50,9 pontos em novembro para 47,5 em dezembro, passando de uma avaliação levemente positiva para uma de piora nas condições dos negócios.
- Em relação ao Índice de Expectativas para os próximos seis meses, houve queda de 3,9 pontos ante novembro para 50,8 em dezembro, mantendo-se no terreno positivo.
- As avaliações com relação à economia brasileira ficaram ainda mais negativas.

Inflação ao consumidor encerra 2024 em 4,8%

Na última sexta-feira (10/01), o IBGE divulgou os números da inflação de dezembro de 2024. Após o processo de desaceleração dos níveis de preços observado em 2023, os preços na economia em 2024 apresentaram uma tendência de alta. Em 2023, o IPCA havia acumulado alta de 4,6%; já em 2024, a elevação foi de 4,8%. A mesma tendência é observada ao analisarmos a métrica do INPC: em 2023, a alta foi de 3,7%, enquanto em 2024 esse índice registrou 4,8%. Com esse resultado, a inflação fechou o ano acima da banda superior da meta de inflação do Banco Central, estipulada em 4,5%.

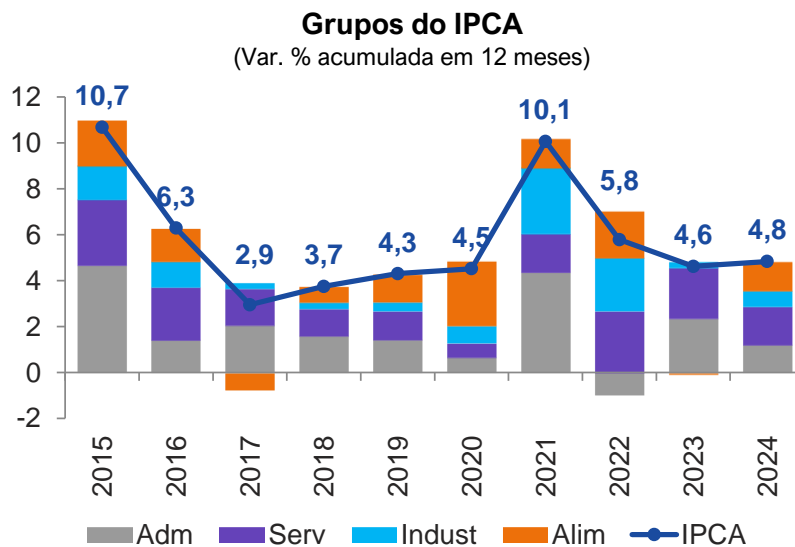
Dentre os componentes da inflação definidos pelo Banco Central, a alimentação no domicílio foi o principal responsável por elevar o índice cheio. O impacto desse grupo sobre o INPC foi de +1,5 p.p., enquanto no IPCA o impacto foi de +1,3 p.p. Essa diferença ocorre devido às diferentes composições das cestas de consumo consideradas nos dois índices. O INPC reflete a cesta de consumo das famílias com renda entre 1 e 5 salários mínimos, enquanto o IPCA abrange famílias com renda de até 40 salários mínimos. Assim, itens de consumo básico, como alimentação, energia elétrica e passagens de ônibus, possuem maior peso no INPC, contribuindo para sua variação mais expressiva.

A elevação dos preços da alimentação no domicílio em 2024 foi de 8,2%, contrapondo-se à queda de 0,5% observada no ano anterior. Esse aumento foi impulsionado pelo encarecimento das carnes (+20,8% no acumulado em 12 meses), bebidas (+14,2%), leite e derivados (+10,4%) e frutas (+12,1%). Esse movimento refletiu o aumento nos preços dos produtos agropecuários, especialmente das carnes, que registraram valores expressivos ao longo do ano. Além disso, outros fatores relacionados à oferta e demanda de alimentos contribuíram para pressionar os preços, tal como foram as enchentes do Rio Grande do Sul.

A segunda categoria com maior impacto na inflação foram os serviços, que acumularam alta de 4,7% em 2024. Quando analisados itens mais sensíveis às variações na renda da população, os chamados serviços subjacentes, o avanço foi ainda mais significativo: após encerrar 2023 com alta de 4,8%, os serviços subjacentes cresceram 5,8% em 2024. Esse movimento pode ser atribuído a dois fatores principais: a maior renda disponível das famílias, impulsionada pela elevação do salário mínimo, e os ganhos obtidos em negociações coletivas, cujos reajustes superaram a inflação. Esses elementos não apenas pressionaram o segmento de serviços, mas também reforçaram o componente inercial da inflação.

Destacam-se ainda os preços administrados, que acumularam alta de 4,7% em 2024. Entre

os principais fatores, observa-se o aumento de 9,7% no preço da gasolina, reflexo dos sucessivos reajustes promovidos pela Petrobras ao longo do ano, e o avanço de 7,9% nos preços dos planos de saúde. Os produtos farmacêuticos também tiveram destaque, com crescimento de 6,0% no período. Em contrapartida, os preços da energia elétrica recuaram 0,4%, apesar das alterações nas bandeiras tarifárias ao longo do ano. Em julho e novembro, vigoraram as bandeiras amarelas, enquanto em setembro e outubro aplicaram-se as bandeiras vermelhas nos patamares 1 e 2, elevando os custos para os consumidores. No caso da eletricidade, a seca que afetou a região Sudeste comprometeu os níveis dos reservatórios, principais responsáveis pelo abastecimento de energia no país.



Fonte: Banco Central. Elaboração: UEE/FIERGS.

Por fim, merece destaque a elevação dos preços dos bens industriais, que registraram crescimento de 2,9% no acumulado do ano, superando os 1,1% observados no mesmo período do ano passado. Entre os principais itens com alta estão o etanol, que avançou 17,6%, os itens de higiene pessoal que aumentaram 4,2%, os automóveis novos, com elevação de 2,9% e o itens de mobiliário que elevaram 3,9%. Os custos de produção na indústria apresentaram forte crescimento em 2024, um movimento que pode ser repassado ao consumidor em algum momento de 2025. Além disso, a expectativa para 2025 é de um câmbio ainda mais desvalorizado, o que tende a pressionar ainda mais os preços industriais, considerando a alta dependência da indústria brasileira por insumos importados.

O que esperar da inflação em 2025? Os componentes da inflação devem apresentar comportamentos distintos ao longo do ano, influenciados por fatores específicos. Em janeiro, os preços administrados devem contribuir para uma deflação mensal, resultado da redução de -0,6 p.p.

na variação devido ao impacto do Bônus de Itaipu, algo que rompe com a sazonalidade habitual desse período. Já em fevereiro, a elevação do ICMS sobre combustíveis adicionará cerca de +0,1 p.p. à inflação mensal, em um mês tradicionalmente marcado por altas sazonais, como os reajustes de mensalidades escolares e planos de saúde.

Nos bens industriais, o câmbio desvalorizado seguirá como uma fonte de pressão significativa, ampliando os desafios já observados em 2024. Esse cenário pode elevar os custos de produção e resultar em repasses ao consumidor ao longo do ano.

No setor de alimentos, embora o aumento nos preços das proteínas – especialmente carnes bovinas, frango e suíno – já seja evidente, a previsão de uma boa safra agrícola, sem grandes efeitos climáticos adversos, traz otimismo em relação à estabilidade nos preços gerais dos alimentos. Por outro lado, os serviços devem continuar pressionados pelo mercado de trabalho aquecido. A dinâmica dos serviços subjacentes, que está diretamente ligada à evolução da renda e dos salários, reforça a expectativa de pressões inflacionárias nesse grupo, mantendo o setor como um dos principais focos de atenção para 2025.

PIB gaúcho cresce no 3º trimestre de 2024, mas resultado da Indústria segue negativo

O PIB do Rio Grande do Sul caiu 0,3% no terceiro trimestre de 2024 em relação ao trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal, conforme divulgado pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE) em 02/01/2024. Setorialmente, a Agropecuária apresentou queda de 30,6%, enquanto a Indústria e os Serviços cresceram 1,1% e 2,3%, respectivamente. No Brasil, o PIB do terceiro trimestre apresentou crescimento de 0,9%.

PIB – Rio Grande do Sul (Var. % real)

	3ºtrim24/ 2ºtrim24*	3ºtrim24/ 3ºtrim23	Acum. 24/ Acum. 23	Acum. em 4 tri.
PIB	-0,3	4,1	5,2	3,7
Agropecuária	-30,6	7,9	37,1	25,6
Indústria	1,1	-1,3	-0,2	-0,5
Extrativa mineral	0,8	3,0	2,6	1,8
Transformação	2,0	-2,8	-3,3	-3,7
Energia e saneamento (SIUP)**	-10,3	0,3	21,3	23,9
Construção	-0,4	6,0	2,8	1,5
Serviços	2,3	4,2	3,2	2,9

Fonte: DEE/SPGG-RS. *Com ajuste sazonal. **Serviços Industriais de Utilidade Pública (eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana).

Em relação ao mesmo trimestre de 2023, houve crescimento do PIB de 4,1% no terceiro trimestre do ano, desempenho superior ao registrado no Brasil (+4,0%). Os destaques setoriais foram:

- A **Agropecuária** cresceu 7,9% na comparação interanual, refletindo a boa safra de 2024. O aumento no abate também contribuiu significativamente para o desempenho do setor.
- Na **Indústria** (-1,3%), a Transformação (-2,8%) registrou o terceiro resultado negativo do ano. A Construção (+6,0%) registrou crescimento, acompanhada do segmento Extrativo Mineral (+3,0%) e pela Indústria de Energia e Saneamento (+0,3%). Especificamente na Indústria de Transformação, 8 das 14 atividades industriais apresentaram resultado positivo, entre elas Metalurgia, Móveis e Produtos Químicos. Entre as baixas, destacam-se Máquinas e Equipamentos, Bebidas e Celulose e papel¹.
- Os **Serviços (+4,2%)** foi o segundo setor com melhor desempenho no PIB gaúcho. Os destaques positivos vieram de Comércio (+8,2%), Outros serviços (+5,2%) e Serviços de informação (+5,1%).

No acumulado dos quatro trimestres terminados em setembro de 2024, o PIB gaúcho registrou elevação de 3,7% em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores, com destaque para o crescimento do setor Agropecuário (+25,6%) e dos Serviços (+2,9%), enquanto a Indústria apresentou retração (-0,5%). No Brasil, a variação do PIB acumulada em quatro trimestres foi de 3,1%.

De modo geral, o PIB do Rio Grande do Sul, no terceiro trimestre de 2024, apresentou bons resultados, impulsionado pela recuperação da safra após a estiagem de 2022 e 2023. No setor Industrial, destaca-se o segmento de Energia e Saneamento, onde o resultado positivo deve-se ao grande volume de chuvas que ocorreu em 2024, as quais impulsionaram o setor que aumentou a produção das hidrelétricas. Nesse sentido, a Construção e o ramo de fabricação de Móveis apresentaram crescimento em razão do processo de reconstrução que ocorre no estado após as enchentes. Já a Transformação, ao contrário do resultado nacional, apresentou uma queda significativa. Segmentos como Máquinas e Equipamentos, Bebidas e Celulose e papel foram responsáveis por puxar essa queda. Logo, essa retração da Transformação, mesmo com os demais segmentos com resultados positivos, dificulta o crescimento da Indústria de modo geral. Já o setor de Serviços gaúcho teve crescimento acima da média nacional, impulsionado pela recuperação do

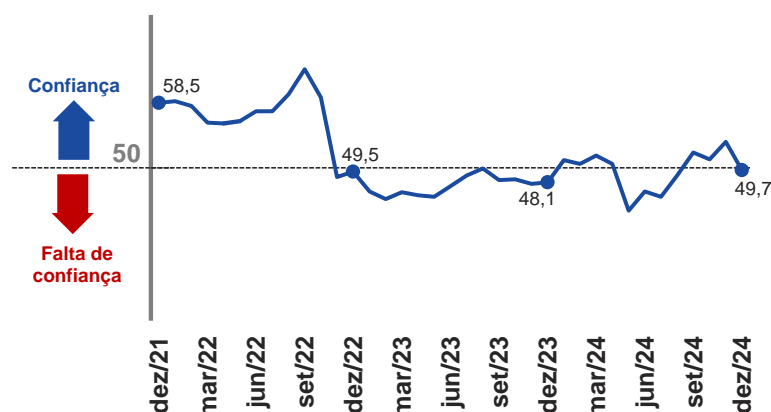
¹ Os dados referentes aos segmentos da Indústria de Transformação são da PIM-PF/IBGE.

Comércio após as enchentes.

Cenário econômico deteriora e indústria perde a confiança no fim de 2024

Depois de atingir o maior patamar em novembro, a tendência de recuperação da confiança da indústria gaúcha no pós-enchentes foi interrompida em dezembro. O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI/RS) voltou a cair com força: -3,7 pontos em relação a novembro, para 49,7, a maior queda desde novembro de 2022, com exceção do mês de maio último (-6,1 pontos). O ICEI/RS varia de zero a 100 pontos, sendo que a marca de 50 divide a presença da ausência de confiança. Nesse sentido, o resultado do mês indica que os empresários gaúchos voltaram a ficar sem confiança, que tinham recuperado em setembro passado, após perdê-la com as enchentes de maio.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do Rio Grande do Sul – ICEI-RS



O índice varia de 0 a 100. Valores acima de 50 pontos indicam confiança do empresário e quanto mais acima, maior e mais disseminada é a confiança. Abaixo de 50, os valores indicam falta de confiança e quanto mais abaixo, maior e mais disseminada é a falta de confiança.

O ICEI/RS é composto pelos índices que captam a percepção dos empresários sobre as condições atuais em relação aos seis últimos meses e as expectativas para o semestre seguinte, da economia brasileira e da própria empresa. E todos os componentes da confiança caíram em dezembro, sobretudo os relacionados à economia.

O Índice de Condições Atuais caiu de 50,9 pontos em novembro para 47,5 em dezembro, passando de uma avaliação levemente positiva para uma percepção de piora nas condições dos negócios nos últimos seis meses. As condições atuais da economia brasileira é o componente de pior avaliação, com o índice que as medem recuando de 43,8 pontos para 39,5. O percentual de

empresários que avaliam as condições da economia como "piores" aumentou de 33,1% em novembro para 41,6% em dezembro, superando em muito a parcela que percebem melhora, que caiu de 12,3% para 6,8% no mesmo período. No último mês do ano, para 51,6% dos empresários, não houve alterações na economia brasileira nos últimos seis meses (eram 54,5% em novembro). O Índice de Condições Atuais das Empresas também teve forte queda, de 54,5 pontos para 51,5, mas ainda revela melhora. Os índices de condições atuais variam de zero a 100 pontos, acima de 50 indicam melhora e abaixo, piora.

Em relação ao Índice de Expectativas para os próximos seis meses, houve queda de 3,9 pontos ante novembro para 50,8 em dezembro, mantendo-se no terreno positivo, mas bem mais próximo dos 50 pontos, marca que separa otimismo (acima) do pessimismo (abaixo). O Índice de Expectativas da Economia Brasileira caiu 5,0 pontos, de 46,3 para 41,3, refletindo o aumento no percentual de empresários pessimistas, de 26,6% em novembro para 39,8% das empresas, e a redução no de otimistas, de 14,9% para 11,2%. A maioria dos empresários, 49,1%, não espera mudança no cenário econômico doméstico nos próximos seis meses (eram 58,4% em novembro). Por fim, as expectativas em relação às próprias empresas seguem positivas, mas também ficaram menos otimistas: o índice caiu 3,3 pontos ante novembro, para 55,6 em dezembro, apresentando, como sempre, o maior valor entre todos os componentes da confiança.

Depois da perda da confiança com as enchentes e da recuperação nos meses seguintes, os resultados do ICEI/RS de dezembro mostram que o ciclo de aperto monetário, o aumento da inflação e a instabilidade da taxa de câmbio afetaram ainda mais a percepção negativa dos empresários sobre a economia brasileira, adicionando graus aos já elevados níveis de incerteza. E o cenário econômico mais deteriorado começa a contaminar as avaliações das empresas.

Antecedente do desempenho industrial, a queda e o baixo patamar da confiança empresarial em dezembro, sobretudo o aumento do pessimismo com a economia brasileira, sinaliza maiores dificuldades para o setor manter a trajetória de recuperação em curso nos próximos meses.

DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

	2021	2022	2023	2024*	2025*
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)¹					
Agropecuária	0,0	-1,1	16,3	-1,3	5,3
Indústria	5,0	1,5	1,7	3,4	1,7
Serviços	4,8	4,3	2,8	3,6	2,1
Total	4,8	3,0	3,2	3,2	2,1
Inflação (% a.a.)					
IGP-M	17,8	5,5	-3,2	6,5	4,2
INPC	10,2	5,9	3,7	4,8	4,5
IPCA	10,1	5,8	4,6	4,8	4,3
Produção Física Industrial² (% a.a.)					
	3,9	-0,7	0,1	3,1	1,6
Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)					
Agropecuária	146	64	35	40	29
Indústria	720	442	282	322	289
Serviços	1.915	1.509	1.139	1.258	901
Total	2.781	2.014	1.455	1.665	1.193
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	11,1	7,9	7,4	6,0	5,9
Média do ano	13,2	9,3	8,0	6,8	6,6
Setor Externo (US\$ bilhões)					
Exportações	280,8	334,1	339,7	337,6	338,9
Importações	219,4	272,6	240,8	264,2	260,4
Balança Comercial	61,4	61,5	98,8	73,4	78,5
Moeda e Juros					
Meta da taxa Selic – Fim do ano (% a.a.)	9,25	13,75	11,75	12,25	14,75
Taxa de Câmbio – Final do período (R\$/US\$)	5,58	5,22	4,84	6,19	5,90
Setor Público (% do PIB)					
Resultado Primário	0,7	1,3	-2,3	-0,6	-1,1
Dívida Líquida do Setor Público	55,8	57,1	60,9	64,5	65,4
Dívida Bruta do Governo Geral	78,3	72,9	74,3	78,1	80,6

Fontes: IBGE, BCB, FGV, ME, MTP, STN. * Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. ¹O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. ²Não considera a Construção Civil e os Serviços Industriais de Utilidade Pública.

DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA GAÚCHA

	2021	2022	2023	2024*	2025*
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)¹					
Agropecuária	53,0	-41,7	16,3	30,1	2,1
Indústria	8,1	1,6	-4,0	1,3	3,2
Serviços	4,4	3,8	2,7	3,0	3,5
Total	9,3	-2,8	1,7	4,1	3,3
Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)					
Agropecuária	7	3	1	0,7	0,6
Indústria	47	29	-9	8	13
Serviços	91	68	55	39	26
Total	145	100	47	47	40
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	8,1	4,6	5,2	5,0	5,3
Média do ano	8,7	6,1	5,3	5,4	5,6
Setor Externo (US\$ bilhões)					
Exportações	21,1	22,6	22,3	21,5	22,4
Indústria de Transformação	14,4	17,7	16,8	16,1	16,5
Importações	11,7	16,0	13,8	13,1	14,1
Balança Comercial	9,4	6,6	8,5	8,4	8,3
Arrecadação de ICMS (R\$ bilhões)					
	45,7	43,3	44,7	50,8	53,2
Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS					
	12,9	4,1	-5,6	0,8	3,4
Produção Física Industrial² (% a.a.)					
	9,0	1,1	-4,7	1,3	3,2

Fontes: DEE/Seplag-RS, IBGE, BCB, ME, MTP, SEFAZ-RS, UEE/FIERGS. * Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. ¹O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. ²Não considera a Construção Civil e o SIUP.

Informações sobre as atualizações das projeções:

Economia Brasileira: Houve alterações nas variáveis da inflação e da taxa de câmbio em função da divulgação dos dados de 2024.

Economia Gaúcha: Houve alterações nos números da arrecadação de ICMS em decorrência da divulgação dos dados de 2024.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Unidade de Estudos Econômicos

Contatos: (51) 3347-8731 | economia@fiergs.org.br

Observatório da Indústria do Rio Grande do Sul | <https://observatoriodaindustriars.org.br/>